

# CHOQUE DE COMPETITIVIDADE

Para ganhar maior destaque na bataticultura mundial, o Brasil precisa de um choque de gestão em suas propriedades

Por Daniel Hiroshi Nakano e João Paulo Bernardes Deleo  
Colaboração: Margarete Boteon

A produção de batata nos países em desenvolvimento deve superar a do bloco desenvolvido nas próximas décadas. Essa estimativa é fundamentada na maior disponibilidade de área, na perspectiva de aumento do consumo *per capita* e na difusão de tecnologia de produção nos países em desenvolvimento. Entre esses, os asiáticos despontam como mais promissores que os da América Latina.

O Brasil, porém, tem condições de avançar nesse setor e aumentar sua competitividade. Isso depende, principalmente, da superação de alguns desafios, como os altos custos, que hoje limitam a expansão da agroindústria, e

a melhora do sistema de comercialização do produto *in natura* no País.

Para vencer essas limitações, é importante acompanhar o avanço da bataticultura nos principais países produtores e observar seus aspectos competitivos e também os possíveis entraves para o crescimento da produção nessas regiões. Com esse propósito, a **Hortifruti Brasil** comparou os indicadores de competitividade da bataticultura global com os da nacional e aponta, no estudo apresentado a seguir, as principais barreiras que ainda impedem o desenvolvimento do setor no País e também caminhos para superá-las.





## PERSPECTIVAS PARA A BATATICULTURA MUNDIAL

### **Países em desenvolvimento serão os principais produtores:**

A produção de batata dos países em desenvolvimento ultrapassará a dos desenvolvidos até o final da próxima década. O ganho de produtividade asiática, africana e latina poderá impulsionar a produção, enquanto a modernização em países do leste europeu e da Rússia deve seguir lenta.

### **Sustentação do consumo global:**

- O consumo global só será mantido ou elevado se a Ásia continuar a crescer nos níveis atuais. Analistas acreditam que a população asiática está diversificando sua base alimentar, aumentando o consumo de batata em substituição, parcial, ao arroz. Com isso, a taxa de crescimento do consumo mundial poderia se manter elevada, compensando a redução observada nos países europeus.

### **Concentração da estrutura produtiva:**

O uso de tecnologias que proporcionem elevação da produtividade e o aumento da escala será vital para a manutenção da rentabilidade do setor produtivo. No entanto, a intensificação da produção pode ser limitada em alguns países por restrições ambientais.

### **Crescimento do comércio global:**

O crescimento da industrialização pode impulsionar o comércio mundial do tubérculo, favorecido pelo aumento da demanda por alimentos prontos, como salgadinhos e aperitivos, especialmente na Ásia, África e América Latina. Para acompanhar esse avanço, é importante o aumento da competitividade nacional. Muitos países não suportarão a concorrência das batatas pré-fritas congeladas importadas, principalmente porque sua produção não é viável em pequena escala.



## Batata: um mercado de 60 bilhões de dólares

Apesar de a batata ser considerada apenas mais um item do grupo das hortaliças no Brasil, mundialmente, sua importância em termos de consumo humano é comparável à de grandes *commodities*, ficando atrás somente do trigo, do arroz e do milho. Segundo cálculos da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), o valor mundial da produção do tubérculo foi de aproximadamente US\$ 63 bilhões, em 2003<sup>1</sup>. Em 2005, foram produzidas 300 milhões de toneladas de batata em uma área de 18 milhões de hectares.

Apesar de ser um produto típico de hábitos alimentares europeus, a distribuição geográfica do plantio do tubérculo tem se alterado nas últimas décadas. Em 1961, 51% da produção mundial era concentrada na Europa, enquanto a Ásia era responsável por 9%. Desde o início da década de 90, a participação asiática vem se intensificando e, em 2005, já tinha o mesmo percentual que a Europa na produção mundial, 41%.

O avanço do produto na Ásia contribuiu com a distribuição dos plantios no mundo. Hoje, a Ásia produz 80% do volume dos países em desenvolvimento, sendo que só a China responde por 20% da produção global, destacando-se como maior produtor mundial. Um dos fatores para esse movimento é a fácil adaptação da batata a regiões com diferentes condições climáticas. Além disso, é um importante alimen-

A comercialização da batata processada tem ganhado espaço. O seu crescimento no mercado mundial é mais promissor que o da batata *in natura*







A Ásia produz **80%**  
do volume dos países  
em desenvolvimento.  
Só a China responde  
por **20%**  
da produção global

to em países populosos, como a China e a Índia, e fonte de carboidrato, potássio, proteína e vitamina C.

Na China, o que também estimulou o cultivo foi a diversificação das culturas agrícolas em substituição à monocultura do arroz. Atualmente, o país está investindo em pesquisas para ampliar a produção e fortalecer a indústria nacional do tubérculo processado<sup>2</sup>. A projeção é que o mercado chinês de batata pré-frita congelada cresça 20% ao ano (nos próximos anos)<sup>3</sup>.

**O ganho de produtividade asiática  
nos próximos anos  
consolidará os países  
em desenvolvimento como  
maiores produtores de batata**

A produtividade chinesa também deve aumentar significativamente, sobretudo com a introdução de novas variedades resistentes a doenças. Atualmente, porém, o baixo potencial genético do tubérculo ainda é um fator limitante à produtividade no país. Nesta década, a produtividade da China permanece próxima a 16 t/ha, ainda muito baixa em comparação à

de países desenvolvidos.

Mesmo com a globalização da produção do tubérculo, o comércio externo ainda é muito pequeno em comparação ao mercado doméstico dos países produtores. Das mais de 300 milhões de toneladas produzidas por ano, as exportações da batata *in natura* se restringiram a 9 milhões de toneladas em 2005. Os elevados custos de pós-colheita e de logística em função da perecibilidade do produto inviabilizam o transporte a longas distâncias.

O protecionismo é outro fator que limita o comércio global. São praticadas “políticas de fronteiras” como taxas, cotas de importação e barreiras fitossanitárias que acabam por dificultar negociações com o tubérculo. Por outro lado, a literatura internacional não aponta subsídios diretos à produção de batata.

Apesar de as exportações de batata *in natura* terem gerado uma receita muito similar à do produto congelado em 2005, cerca de US\$ 3 bilhões, a comercialização da batata processada tem ganhado espaço. Na avaliação de analistas, a área de processamento é que tem o crescimento mais promissor globalmente. Mais da metade da área da União Europeia e também de países em desenvolvimento, como a Argentina, Colômbia, China e Egito, já é destinada à produção de variedades específicas para processamento.

A alteração dos hábitos alimentares da população mudou a forma de consumo de batata. Analisando os consumidores de países produtores de elevada produção per capita do tubérculo – acima de 100 kg/hab/ano –, pode-se observar que a batata *in natura* está perdendo espaço na cesta de compras da população, principalmente entre os de renda mais elevada da Europa. Países do leste e do oeste europeu consomem, respectivamente, 200 e 120 kg/hab/ano (média de 2002 a 2004); há 20 anos, consumiam cerca de 400 kg e 150 kg, respectivamente.

Na Alemanha, por exemplo, o consumo *per capita* atual de batata é de 66,8 kg, dos quais 32 kg são do produto *in natura*<sup>4</sup>. Em 1960, o consumo era de 100 kg/hab/ano. Uma das razões da menor ingestão da batata *in natura* é o aumento de renda da população, que impulsiona a compra do processado e a substituição da batata por um leque maior de opções de alimentos, inclusive o arroz. A perspectiva é que o consumo do tubérculo *in natura* continue reduzindo na Alemanha, mas a produção deve ser sustentada pela demanda das processadoras.

Enquanto os alemães trocam batata por arroz, os asiáticos seguem na direção oposta. A Ásia quase duplicou sua produção *per capita* em 20 anos, passando de 20 kg/hab (década de 80) para 34 kg/hab (década de 2000). Na África, o crescimento da produção *per capita* no período (da década de 80 à atual) foi na ordem de 50%. O maior aumento foi registrado na região ao norte do continente, sendo essa produção voltada a atender a “janela de produção” do inverno europeu.

Na América do Sul, o consumo *per capita* encontra-se praticamente estável nos últimos 20 anos. O perfil da produção de batata nesses países é muito heterogêneo. Os mais tecnificados são o Chile e a Argentina<sup>2</sup>. Na literatura internacional, a produção brasileira, no final da década passada, era comparada à mexicana e à peruana, que apresentavam nível de tecnificação de baixo a médio. Os Estados Unidos foram um dos poucos países desenvolvidos com tradição no cultivo do tubérculo que alavancou o seu consumo nesta década. O avanço tecnológico no campo e a criação de uma indústria forte da

Quando se avaliam a modernização da bataticultura e o aumento da competitividade global, os destaques são o ganho de escala e o aumento do uso de tecnologias



Foto: www.uspotatoes.com

batata foram vitais para o crescente consumo nesse país. Destacam-se nesse processo também a ascensão da comida congelada e a utilização do forno de microondas<sup>2</sup>.

O consumo *per capita* passou de 65 kg/hab (média dos anos de 1982 a 1984) para 71 kg/hab (média dos anos de 2002 a 2004). Atualmente, 32% do que é produzido no país é comercializado *in natura*, 60% vai para o processamento e o restante é destinado para semente. Vale lembrar que nas décadas passadas o consumo *per capita* encontrava-se em queda.

Ao contrário dos demais países desenvolvidos com importância econômica no setor da batata, no último século, os Estados Unidos conseguiram tornar a bataticultura um dos setores de grande expressão do agronegócio do país. Um dos fatores que promoveu o avanço da bataticultura norte-americana foi sua concentração fundiária e regional, longe dos grandes centros mas com recursos naturais mais abundantes, incluindo os hídricos.

A excelente infra-estrutura logística do país possibilitou sua distribuição nacionalmente. A produtividade dos Estados Unidos, em 20 anos, saltou de 34 t/ha (1983/85) para 43 t/ha (2003/05), segundo dados da FAO.

No geral, quando se avaliam a modernização da bataticultura e o aumento da competitividade global, os destaques são o ganho de escala e o aumento do uso de tecnologias. A irrigação, por exemplo, foi uma das técnicas que mais contribuiu para o aumento da produção de batata no mundo, e a previsão é que metade da área global de batata será irrigada na próxima década<sup>2</sup>.

A agricultura de precisão é outra tecnologia que está sendo adaptada pelas propriedades mais modernas, para garantir uma lucratividade maior. As melhorias na logística e na comercialização também são pontos-chave para ampliar a competitividade das áreas de alto potencial produtivo.

Outra questão importante é a volatilidade dos preços do tubérculo. Nos Estados Unidos, a oscilação dos preços diminuiu com o aumento dos contratos das processadoras de batata com produtores. Os riscos de mercado, até então dado pelos choques de oferta, passaram a ser as características do produto, como teor de matéria seca.



Mais qualidade e economia em cada aplicação.

# Amistar

A evolução natural e mais econômica dos fungicidas

© Syngenta, 2006.

### ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob responsabilidade agrônomo



C.a.s.a. 0800 704 4304

CENTRO AVANÇADO SYNGENTA DE ATENDIMENTO  
DÚVIDAS - SUGESTÕES - EMERGENCIAS

[www.syngenta.com.br](http://www.syngenta.com.br)





# Altos custos e baixa produtividade limitam a competitividade nacional

Ao avaliar o *ranking* dos principais produtores de batata e dos países com maior produtividade, nos últimos 20 anos, é possível observar que o Brasil pouco avançou em termos de competitividade global (veja análise da competitividade brasileira ao lado). Mesmo com o uso mais intensivo de tecnologia, o País ocupa o 50º lugar entre os países de melhor produtividade entre os anos de 2003 e de 2005. Essa posição representa um avanço em relação ao 67º lugar ocupado entre 1983 e 1985.

O Brasil praticamente não alterou sua posição entre os maiores produtores mundiais, mantendo-se como o 18º produtor (em volume). A melhora brasileira no *ranking* mundial foi verificada, principalmente, após a formação do Mercosul e a abertura comercial do País na década passada. O Brasil foi o 11º maior importador mundial da batata congelada entre os anos de 2002 e 2004, comprando US\$ 48 milhões de batata congelada no período. Há 10 anos, o Brasil ocupava o 17º lugar do *ranking* e gastava US\$ 4 milhões com importações.

O avanço do País no comércio global, no entanto, reafirma a baixa competitividade internacional da bataticultura brasileira. O crescimento das importações do tubérculo é estimulado principalmente pela ausência de uma agroindústria nacional. O Brasil importa e praticamente não exporta.

Um dos indicadores que mostra a baixa competitividade brasileira no mercado global é o preço recebido pelo produtor brasileiro em relação ao obtido pelos bataticultores dos países que detêm melhor tecnologia. O preço médio recebido pelo produtor nacional, entre 2002 e 2004, ficou em torno de US\$ 10,00/sc de 50 kg, enquanto que os bataticultores dos dez países com melhor produtividade receberam em torno de US\$ 8,00/sc de 50 kg, segundo a FAO<sup>1</sup>.

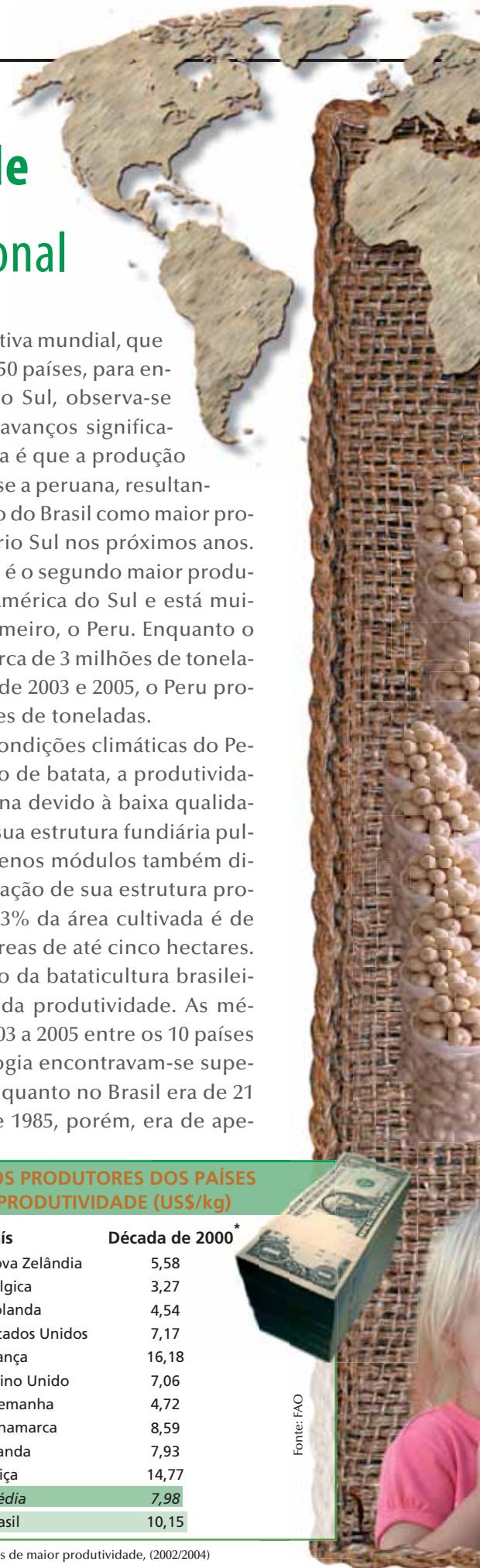
Saindo da perspectiva mundial, que engloba mais de 250 países, para focar a América do Sul, observa-se que o Brasil teve avanços significativos. A expectativa é que a produção brasileira ultrapasse a peruana, resultando na consolidação do Brasil como maior produtor do Hemisfério Sul nos próximos anos. Atualmente, o País é o segundo maior produtor de batata da América do Sul e está muito próximo do primeiro, o Peru. Enquanto o Brasil produziu cerca de 3 milhões de toneladas entre os anos de 2003 e 2005, o Peru produziu 3,150 milhões de toneladas.

Apesar das boas condições climáticas do Peru para a produção de batata, a produtividade é muito pequena devido à baixa qualidade da semente. A sua estrutura fundiária pulverizada em pequenos módulos também dificulta a modernização de sua estrutura produtiva. No Peru, 63% da área cultivada é de produtores com áreas de até cinco hectares. O principal avanço da bataticultura brasileira foi o aumento da produtividade. As médias obtidas de 2003 a 2005 entre os 10 países de melhor tecnologia encontravam-se superiores a 40 t/ha, enquanto no Brasil era de 21 t/ha – entre 1983 e 1985, porém, era de ape-

## PREÇO PAGO AOS PRODUTORES DOS PAÍSES COM MAIOR PRODUTIVIDADE (US\$/kg)

Ranking	País	Década de 2000*
1	Nova Zelândia	5,58
2	Bélgica	3,27
3	Holanda	4,54
4	Estados Unidos	7,17
5	França	16,18
6	Reino Unido	7,06
7	Alemanha	4,72
8	Dinamarca	8,59
9	Irlanda	7,93
10	Suíça	14,77
	<b>Média</b>	<b>7,98</b>
50	Brasil	10,15

\*Média dos preços dos países de maior produtividade, (2002/2004)



Fonte: FAO



# RANKING DE COMPETITIVIDADE BRASIL X MUNDO

## ÁREA MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (ha)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	União Soviética	1	Rússia	1	China
2	China	2	China	2	Rússia
3	Polônia	3	Polônia	3	Ucrânia
4	Índia	4	Ucrânia	4	Índia
5	Alemanha	5	Índia	5	Polônia
...	...	...	...	...	...
16	Brasil	16	Brasil	...	...
...	...	...	...	...	...
...	...	...	...	22	Brasil

Fonte: FAO

## PRODUÇÃO MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (t)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	União Soviética	1	China	1	China
2	Polônia	2	Rússia	2	Rússia
3	China	3	Polônia	3	Índia
4	Alemanha	4	Estados Unidos	4	Estados Unidos
5	Estados Unidos	5	Ucrânia	5	Ucrânia
...	...	...	...	...	...
...	...	...	...	18	Brasil
...	...	19	Brasil	...	...
20	Brasil	...	...	...	...

Fonte: FAO

## PRODUTIVIDADE MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (t/ha)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	Israel	1	Nova Zelândia	1	Nova Zelândia
2	Holanda	2	Holanda	2	Bélgica
3	Suíça	3	Suíça	3	Holanda
4	Reino Unido	4	Reino Unido	4	Estados Unidos
5	Dinamarca	5	Estados Unidos	5	França
...	...	...	...	...	...
...	...	...	...	50	Brasil
...	...	58	Brasil	...	...
67	Brasil	...	...	...	...

Fonte: FAO

## PRODUÇÃO PER CAPITA PRINCIPAIS PAÍSES (kg/hab/ano)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	Polônia	1	Bielo - Rússia	1	Bielo - Rússia
2	Holanda	2	Polônia	2	Holanda
3	União Soviética	3	Holanda	3	Lituânia
4	Chipre	4	Latvia	4	Ucrânia
5	Romênia	5	Estônia	5	Polônia
...	...	...	...	...	...
...	...	...	...	...	...
64	Brasil	...	...	...	...
...	...	96	Brasil	...	...
...	...	...	...	103	Brasil

Fonte: FAO

## BATATA CONGELADA: IMPORTADORES LÍQUIDOS PRINCIPAIS PAÍSES (t)

Ranking	Década de 90 <sup>(4)</sup>
1	Japão
2	Alemanha
3	Reino Unido
4	França
5	Itália
...	...
...	...
...	...
...	...
17	Brasil

Ranking	Década de 2000 <sup>(5)</sup>
1	Reino Unido
2	Japão
3	Itália
4	Estados Unidos
5	Alemanha
...	...
...	...
11	Brasil

Fonte: FAO

(4) Média por país - exportação menos importação - 1992 a 1994

(5) Média por país - exportação menos importação - 2002 a 2004



(1) Média por país entre 1983 e 1985 - (2) Média por país entre 1993 e 1995 - (3) Média por país entre 2003 e 2005.



nas 12 t/ha. Essa marca posiciona o Brasil como o segundo em produtividade na América do Sul, ficando atrás somente da Argentina, que produz cerca de 28,5 t/ha (2003 e 2005).

O ganho de produtividade e a concentração fundiária no Brasil, no entanto, não impulsionaram a rentabilidade no campo e nem reduziram os custos para os patamares dos vizinhos sul-americanos. Isso pode ser verificado analisando o preço ao produtor. Utilizando este índice como uma estimativa de custo de produção somado a uma pequena margem de lucro, observamos que o custo do produto brasileiro só não é maior do que em países como o Paraguai e o Uruguai – de baixa tecnologia de produção. O preço recebido pelo produtor argentino é próximo de US\$ 7,00/sc enquanto o do brasileiro fica em torno de US\$ 10,00/sc (2002/04).

Dos três países de melhor tecnologia na América do Sul (Chile, Argentina e Brasil) atualmente, a Argentina, por ter a melhor produtividade (28,5 t/ha), constitui-se em um exportador para o Brasil. Nossa produtividade é similar à do Chile, mas como temos um mercado doméstico maior, somos considerados um importador líquido – a receita com importações supera as exportações, tanto de sementes quanto do produto industrializado.

O Brasil é o foco dos principais exportadores que visam o mercado latino. Importamos mais que o dobro dos demais países sul-americanos de batata pré-frita congelada, por exemplo. A atratividade brasileira é dada pelo tamanho da sua população apesar do volume relativamente baixo da produção por habitante, cerca de 17 kg/ano (2002/04). No Peru, a produção é superior a 100 kg/hab/ano (2002/04). No Brasil, há vários substitutos alimentares para a batata, enquanto que em países de importância econômica na produção de batata as opções são menores.

Mesmo que a produção *per capita* de batata do Brasil mantenha-se estável nos próximos 10 anos, o aumento da população brasileira manterá o País atrativo para os exportadores do produto congelado. A perspectiva é que, em 2020, a população brasileira atinja 220 milhões de habitantes - atualmente é de 187 milhões, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



**AMÉRICA DO SUL: PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR US\$/sc 50 kg**

Ranking	América do Sul	Década de 2000*
1	Peru	6,00
2	Argentina	6,80
3	Chile	7,03
4	Equador	7,23
5	Bolívia	7,29
6	Colômbia	9,92
7	Brasil	10,15
8	Paraguai	10,59
9	Uruguai	11,97
	Média	8,56

\*Média dos preços dos países de maior produtividade, (2002/2004)

Fonte: FAO

**BATATA CONGELADA: IMPORTADORES LÍQUIDOS AMÉRICA DO SUL (t)**

Ranking	Década de 90 <sup>(4)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(5)</sup>
1	Brasil	1	Brasil
2	Argentina	2	Chile
3	Uruguai	3	Equador
4	Chile	4	Uruguai
5	Peru	5	Peru
6	Equador	6	Paraguai
7	Colômbia	7	Bolívia
8	Paraguai	8	Colômbia
9	Bolívia	9	Guiana

(4) Média por país - exportação menos importação - 1992 a 1994

(5) Média por país - exportação menos importação - 2002 a 2004

Fonte: FAO



# RANKING DE COMPETITIVIDADE

## BRASIL X AMÉRICA DO SUL

### ÁREA: AMÉRICA DO SUL (ha)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	Peru	1	Peru	1	Peru
2	Brasil	2	Colômbia	2	Colômbia
3	Colômbia	3	Brasil	3	Brasil
4	Bolívia	4	Bolívia	4	Bolívia
5	Argentina	5	Argentina	5	Argentina
6	Chile	6	Equador	6	Chile
7	Equador	7	Chile	7	Equador
8	Uruguai	8	Uruguai	8	Uruguai
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

### PRODUÇÃO: AMÉRICA DO SUL (t)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	Colômbia	1	Colômbia	1	Peru
2	Argentina	2	Brasil	2	Brasil
3	Brasil	3	Argentina	3	Colômbia
4	Peru	4	Peru	4	Argentina
5	Chile	5	Chile	5	Chile
6	Bolívia	6	Bolívia	6	Bolívia
7	Equador	7	Equador	7	Equador
8	Uruguai	8	Uruguai	8	Uruguai
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

### PRODUTIVIDADE: AMÉRICA DO SUL (t/ha)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	Argentina	1	Argentina	1	Argentina
2	Colômbia	2	Colômbia	2	Brasil
3	Chile	3	Chile	3	Chile
4	Brasil	4	Brasil	4	Colômbia
5	Equador	5	Peru	5	Uruguai
6	Peru	6	Uruguai	6	Peru
7	Uruguai	7	Equador	7	Equador
8	Paraguai	8	Paraguai	8	Bolívia
9	Bolívia	9	Bolívia	9	Paraguai

### PRODUÇÃO PER CAPITA AMÉRICA DO SUL (kg/hab/ano)

Ranking	Década de 80 <sup>(1)</sup>	Ranking	Década de 90 <sup>(2)</sup>	Ranking	Década de 2000 <sup>(3)</sup>
1	Bolívia	1	Bolívia	1	Peru
2	Peru	2	Colômbia	2	Bolívia
3	Colômbia	3	Chile	3	Chile
4	Chile	4	Peru	4	Colômbia
5	Argentina	5	Argentina	5	Argentina
6	Uruguai	6	Uruguai	6	Uruguai
7	Equador	7	Equador	7	Equador
8	Brasil	8	Brasil	8	Brasil
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

(1) Média por país entre 1983 e 1985 - (2) Média por país entre 1993 e 1995 - (3) Média por país entre 2003 e 2005.



# Choque de gestão na bataticultura nacional

A liderança brasileira será alcançada quando o País puder ofertar a batata a um preço competitivo internacionalmente, tiver uma indústria processadora forte e uma melhor organização da estrutura de comercialização do produto *in natura*.

Um passo inicial para o Brasil atingir a liderança no cenário global é diminuir os custos de produção através de um choque de gestão das propriedades. Assim, os bataticultores terão que avaliar quais os principais itens que encarecem a produção e buscar formas de minimizá-los, além de investir em tecnologias de produção (semente, irrigação, fitossanidade e nutrição) e no uso racional dos insumos na propriedade.

Para isso, é importante um amplo estudo sobre o custo de produção brasileiro a fim de se desenvolver índices que possibilitem uma análise comparativa da competitividade nacional com os principais produtores do tubérculo. Até o próximo *Especial Batata*, previsto para outubro de 2007, a **Hortifruti Brasil** deve divulgar outro estudo próprio, mais completo, sobre as formas

de melhorar o gerenciamento agrônomo e comercial das propriedades bataticultoras do País.

Preliminarmente, uma análise exploratória comparando os custos de produção nacional com os da Argentina e dos Estados Unidos mostra algumas iniciativas que a bataticultura brasileira deve tomar para am-

pliar sua competitividade em termos globais e estabelecer metas para diminuir o custo de produção.

Apesar das limitações metodológicas desta análise preliminar - já que a coleta de dados não seguiu os mesmos procedimentos amostrais nos diferentes países, as variedades e as tecnologias são distintas -, é possível avaliar de forma relativa os principais itens que oneram os custos de produção de cada país, o valor despendido por hectare e a distribuição dos gastos.

Para a safra 2006/07, o custo variável de produção argentino da batata *in natura*, do sudeste de Buenos Aires foi de aproximadamente US\$ 3,1 mil/ha, com uma produtividade média 38 t/ha - incluindo o arrendamento da terra, semente, defensivos, fertilizantes, irrigação, mão-de-obra, impostos e encargos e sacaria<sup>7</sup>.

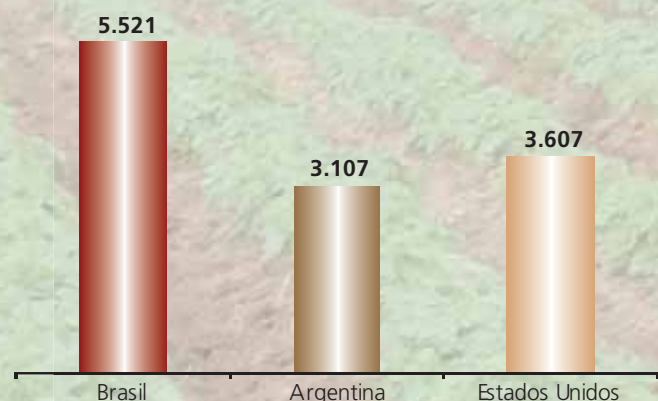
Nos Estados Unidos, no mesmo período, os gastos por hectare - incluindo semente, fertilizante, defensivos, assistência técnica, irrigação, gastos com maquinário, combustível e lubrificante, mão-de-obra e encargos -, foram de cerca de US\$ 3,6 mil/ha, para uma produtividade de aproximadamente 55 t/ha no sudeste de Idaho, importante região produtora de batata<sup>8</sup>.

No Brasil, em 2006, o Projeto **Hortifruti Brasil**, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) estimou, junto aos principais produtores do Sudoeste Paulista, os gastos, em torno de US\$ 5,5 mil/ha, para uma produtividade média de 30 t/ha. Esse custo inclui fertilizante, sementes, defensivos, combustível, reparos mecânicos, irrigação, mão-de-obra, beneficiamento, impostos, seguro, encargos sociais, assistência



**CUSTO BRASILEIRO  
É MUITO ALTO  
EM COMPARAÇÃO  
AO DE PAÍSES  
COMPETITIVOS  
NO MERCADO  
MUNDIAL DE BATATA**

**CUSTO DE PRODUÇÃO POR HECTARE, US\$**



Fontes: Cepea; Constantino<sup>7</sup>; Patterson<sup>8</sup>

técnica e financiamento do capital de giro.

A baixa eficiência brasileira é observada na planilha de custo de produção. Um dos maiores gastos é com defensivos e adubos, no entanto, nossa produtividade ainda é muito baixa em relação à média mundial. Em outros países, como na Argentina, estes insumos representam bem menos do total do custo de produção e a produtividade é mais elevada. Vale lembrar que as condições climáticas e a fertilidade do solo argentino são mais favoráveis ao cultivo do tubérculo, mas nada impede que o desenvolvimento de materiais genéticos mais adaptados às condições brasileiras, aliado ao melhor manejo nutricional, hídrico e fitossanitário, possam ampliar a produtividade sem elevar os gastos com adubos, defensivos e irrigação.

Além da questão genética, a busca por controles alternativos, como a adoção de programas de produção integrada, também pode contribuir para a redução do custo com insumos, além de melhorar a imagem da batata quanto às questões de segurança do alimento – apelo crescente no setor alimentício nacional. Assim, o País poderia inibir a entrada da batata *in natura* beneficiada – apesar de já ser restrito o volume importado – e estimular o desenvolvimento da agroindústria nacional para a produção da batata pré-frita congelada, por exemplo, segmento muito dependente das importações hoje em dia.

Apesar de os custos de produção da Argentina serem menores, a exigência do consumidor brasileiro por produto de boa aparência – lavado e de pele lisa – acaba se tornando uma barreira à entrada da batata *in natura* argentina. Mesmo que o país vizinho estimulasse a demanda brasileira por batata não beneficiada, não é permitido le-

galmente entrar apenas batata escovada no País, mantendo uma barreira legal ao produto brasileiro fresco.

Por outro lado, o elevado custo de produção nacional impede o avanço da agroindústria brasileira, ao mesmo tempo em que estimula o processamento em outros países, mesmo que o foco seja o mercado brasileiro – isso ocorre com a Argentina. Em função do alto custo da matéria-prima, a indústria brasileira de batata não avança e não consegue adquirir o tubérculo a valores menores que US\$ 10,00 e US\$ 15,00/sc de 60 kg, enquanto que no vizinho, esse custo é cerca de metade. O Brasil só será mais competitivo quando conseguir diminuir seus custos. Se isso não ocorrer, a bataticultura não ampliará sua inserção no mercado global, mantendo, simultaneamente, espaço aberto para o produto importado. ■

#### Referências:

<sup>1</sup>As estatísticas de produção, produtividade, área, preço, valor da produção, exportação e importação mencionadas no texto e sem citação da sua fonte foram extraídas da FAO no endereço eletrônico: <http://apps.fao.org>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

<sup>2</sup>WALKER, T.S; SCHMIEDICHE, P.E; HIJMANS, R.J. World trends and patterns in the potato crop: An economic and geographic survey. Potato Research, n. 42, p.241 –264, 1999.

<sup>3</sup>China Frozen Potato Products Annual 2005. USDA Foreign Agricultural Service Report (07/14/2005). Disponível: <<http://www.fas.usda.gov>>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

<sup>4</sup>Meinecke, M.U. El mercado de la patata fresca y transformada em Alemania. Instituto Español de Comercio Exterior, Marzo 2005.

<sup>5</sup>Potato Association of America Handbook. Commercial Potato Production In North America. Disponível: <<http://cropandsoil.oregonstate.edu/classes/CSS322/Cppina.htm>>. Acesso em 15 de setembro de 2006.

<sup>6</sup>Producción de papa em Peru. Disponível em: <http://www.argenpapa.com.ar/>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

<sup>7</sup>CONSTANTINO, S. Custo de Produção de Batata no Sudeste de Buenos Aires na safra 2006/2007, Balcarce, agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.argenpapa.com.ar/default.asp?id=226>>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

<sup>8</sup>PATTERSON, P. E. 2004 Cost of Potato Production Comparisons for Idaho Commercial Potato Production. Agricultural Economics Extension Series No. 04-13. University of Idaho. December 2004.



**Supra**  
Fertilizantes

**Qualidade que se vê**



A Supra Fertilizantes tem um programa nutricional adequado para cada fase da cultura.  
**Dept. Comercial (19) 3894-3141**



**Maior Enraizamento**

**Melhor Sanidade**

**Melhor Pós-colheita**

**Maior Produtividade**